



Pecaminoso,  
sexy e tenso.  
O seu novo vício!

Quebrar as regras  
nunca soube tão bem...

# INOCÊNCIA *e Desejo*

## J. KENNER

TOP  
SEL  
LER

A nova série da vencedora do prémio  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

# Prólogo

**E**u julgava que ele tinha saído da minha vida para sempre. Que tudo o que restava dele era uma memória, forte e proibida. Aterradora, embora atraente.

*O homem que mudou tudo.*

*A noite que destruiu o meu mundo.*

*Disse a mim mesma que tinha ultrapassado tudo. Que podia voltar a vê-lo sem sentir aquele aperto. Sem me lembrar da dor ou da vergonha.*

*Pelo menos, era nisso que acreditava.*

*Sinceramente, devia conhecer-me melhor...*

# Capítulo 1

**E**le estava rodeado de mulheres nuas e não podia estar mais entediado.

Wyatt Royce obrigou-se a não franzir o sobrolho ao baixar a câmara sem tirar uma única foto. De ar pensativo, deu um passo atrás, com o olhar crítico a percorrer as quatro mulheres que se encontravam à sua frente tal e qual como tinham vindo ao mundo.

Mulheres lindas. Mulheres confiantes. Com curvas generosas, pele suave, olhos vivos, e o tipo de músculos fortes e flexíveis que não deixavam dúvida quanto à sua capacidade de envolver um homem com as pernas e apertá-lo com força.

Por outras palavras, todas tinham um apelo erótico. Um brilho. Um certo *je ne sais quoi* que virava cabeças e deixava os homens tesos.

Nenhuma delas, porém, tinha *aquilo*.

— Wyatt? Estás pronto, meu?

A voz de Jon Paul arrancou Wyatt aos seus pensamentos frustrados, e ele assentiu com a cabeça ao diretor de iluminação.

— Desculpa. Estava só a pensar.

JP virou costas às miúdas antes de fazer um sorriso de lobo e baixar a voz.

— Devias estar, devias.

Wyatt riu-se.

— Calma, rapaz.

Seis meses antes, Wyatt contratara o estudante de Fotografia da UCLA, de 23 anos, como pau para toda a obra. Porém, quando JP se revelara não apenas um excelente fotógrafo, mas também um prodígio com a iluminação, a relação fora passando de chefe/assistente para mentor/discípulo até chegar à de amigo/colega.

JP era realmente bom profissional e Wyatt passara a confiar nele. Mas a sua experiência até então era em fotografia arquitetónica. E o facto de as modelos femininas que via todos os dias serem lindíssimas, para além de muitas vezes estarem completa e provocativamente nuas, continuava a ser para JP tanto motivo de fascínio como, suspeitava Wyatt, de um duche frio por dia. Ou três.

Não que Wyatt o criticasse por isso. Afinal de contas, fora ele quem criara o mundo sensual e erótico em que tanto ele como JP passavam os dias. Ao longo de meses, perdera-se todos os dias naquele estúdio, ali fechado com uma série de mulheres deslumbrantes, sentindo-lhes a pele quente sob os dedos ao posicioná-las cuidadosamente para a câmara. Mulheres ávidas por agradar. Por se mexerem como quer que ele lhes indicasse. Por contorcerem os corpos em poses convidativas e hipnotizantes que, não raro, eram artificiais e desconfortáveis, só porque ele lhes dizia que assim o fizessem.

Enquanto estavam em frente à sua câmara, Wyatt era dono absoluto daquelas mulheres. E mentiria a si mesmo se não admitisse que, em muitos sentidos, as sessões tinham uma carga erótica tão forte quanto as próprias fotografias.

Por isso, sim, compreendia a atração, mas nunca sucumbira, garantira-o, apesar de tantas daquelas modelos terem deixado bem claro que queriam passar do estúdio para o quarto dele.

Havia demasiado em jogo naquele projeto.

Demasiado? Raios, *tudo* dependia da próxima exposição. A sua carreira. A sua vida. A sua reputação. Já para não falar de todas as suas poupanças.

Dezoito meses antes, prometera fazer a diferença no mundo da arte e da fotografia, e dali a apenas 27 dias descobriria se seria bem-sucedido.

O que esperava era que o sucesso o atingisse como uma bala de canhão a cair em água. Tão forte e rápida que toda a gente em redor acabasse ensopada, com ele mesmo no centro, a causa descarada de toda a comoção.

O que receava era que a exposição não causasse mais do que uma ondulação mínima, como se ele pouco mais tivesse feito do que mergulhar, devagarinho, o dedo do pé na parte mais funda da piscina.

Atrás de si, JP tossiu, e o som brusco arrancou Wyatt dos seus pensamentos. Levantou a cabeça, viu que as quatro mulheres o fitavam com olhares esperançosos, e sentiu-se um verdadeiro idiota.

— Desculpem tê-las deixado à espera. Estava só a tentar decidir como as queria. — A frase não tinha qualquer segunda intenção, mas a morena mais baixa não deixou de rir, após o que comprimiu os lábios e fitou o chão. Wyatt fingiu que não reparara. — JP, traz-me a *Leica* que está no meu escritório. Acho que quero fotografar a preto e branco.

Ele não estava a pensar nada disso, nada verdade. Estava só a ganhar tempo. A inventar enquanto decidia o que fazer com as miúdas — se fizesse alguma coisa.

Enquanto falava, avançou para elas, tentando perceber por que raio estaria tão desinteressado por todas elas, caramba. Seriam assim tão inadequadas? Tão descabidas para o papel que ele precisava de preencher?

Lentamente, caminhou à volta delas, estudando-lhes as curvas, os ângulos, o brilho suave da pele sob a luz esmaecida. Uma delas tinha um nariz altivo e aquilino. Aquela tinha uma boca larga e sensual. Outra tinha uns olhos de cama que prometiam satisfazer todas as fantasias de um homem. A quarta apresentava uma

inocência de olhos arregalados que praticamente implorava por ser maculada.

Cada uma delas submetera um portfólio através do agente, e ele passara horas a examinar cada fotografia. Faltava-lhe preencher um espaço. O espaço central. A peça principal. Uma única mulher que ancoraria todas as suas fotos cuidadosamente preparadas e tiradas com uma série de imagens eróticas que, mentalmente, ele já via com toda a clareza. Uma confluência de iluminação e poses, de corpo e atitude. Sensualidade aliada a inocência e realçada por ousadia.

Ele sabia o que queria. Mais do que isso, algures nas profundezas da sua mente, até sabia *quem* queria.

Até então, ela não lhe aparecera no estúdio.

Mas existia, quem quer que fosse; disso ele tinha a certeza.

Que pena que só lhe restassem 27 dias para a encontrar.

E fora por isso que se rebaixara à procura em agências de modelos, embora a sua visão para aquela exposição sempre tivesse sido a de usar modelos amadoras. Mulheres cujas feições ou atitude lhe chamassem a atenção na praia, na mercearia, onde quer que ele pudesse estar. Mulheres do seu passado. Do seu trabalho. Que não ganhassem a vida com o corpo. Essa tinha sido a promessa que fizera a si mesmo desde o início.

E, no entanto, ali estava ele, a implorar a agentes que lhe enviassem as raparigas mais sensuais que tivessem. A infringir a sua própria regra devido ao desespero por encontrá-la. A rapariga elusiva que se escondia na sua mente, e que talvez — quem sabe — tivesse um agente e um contrato como modelo.

Mas ele sabia que não teria. Não aquela rapariga.

Não, a rapariga que ele queria seria virgem de câmara e seria ele o primeiro a capturar essa inocência. Era essa a sua visão. O plano a que ele se tinha atido durante 18 longos meses de sessões encaixadas entre os seus trabalhos habituais de fotografia comercial. Quase dois anos de diretas na câmara escura

e a sobreviver à base de café e barras energéticas porque não havia tempo para encomendar comida feita, quanto mais para cozinhar.

Meses de planeamento e preocupação, a matar-se a trabalhar por um objetivo. E aqueles momentos doces e preciosos em que sabia — sabia mesmo — que estava à beira de criar algo verdadeiramente espetacular.

Andava exausto, sim. Mas estava quase a terminar.

Até então, tinha 41 imagens escolhidas para a exposição, cada uma perfeita, na sua opinião.

Só precisava das últimas nove. O último conjunto de fotos da mulher única e perfeita. Fotos que concluiriam a sua visão — tanto da rapariga com que sonhava como do que queria alcançar com a sua exposição individual.

Sacrificara tanto e, por fim, estava perto. Tão perto... mas ali continuava, a dar voltas à cabeça com modelos que não eram o que ele queria ou precisava.

*Foda-se.*

Com um suspiro frustrado, Wyatt passou os dedos pelo cabelo curto e espesso.

— Na verdade, meninas, acho que por hoje é tudo. Agradeço-vos o tempo que me dispensaram e o vosso interesse no projeto; vou rever os vossos portefólios e entro em contacto com os vossos agentes se forem selecionadas. Podem vestir-se e ir embora.

As raparigas entreolharam-se, perplexas. JP também parecia confuso ao voltar para o estúdio com a *Leica* de Wyatt ao ombro, acompanhado por uma ruiva alta que conheciam bem.

— Siobhan — exclamou Wyatt, ignorando a agitação que lhe ia por dentro. — Não me lembro de termos uma reunião marcada.

— Pensava que ias fazer uma série a preto e branco — disse JP ao mesmo tempo, segurando na *Leica* como uma criança desejosa de mostrar o que trazia.

À frente de Wyatt, as raparigas pararam de vestir os roupões, obviamente incertas.

— Terminámos — disse-lhes Wyatt, antes de voltar a atenção para o assistente. — Tenho tudo o que preciso para tomar uma decisão.

— Certo. Pois. Tu é que mandas. — Porém, enquanto falava, JP olhava de esguelha para Siobhan, que ficara de braços cruzados e sobrolho franzido, por confusão ou irritação. Talvez pelas duas coisas.

Mas Wyatt tinha de lhe dar o devido crédito: ela conteve as perguntas que tinha a fazer até a última modelo ter saído pelo corredor que levava ao quarto de vestir e a porta estar fechada.

— Tens o que precisavas? — perguntou ela, indo direta ao assunto. — Isso quer dizer que uma daquelas modelos é a rapariga de quem tens andado à procura?

— É por isso que estás aqui? Para controlar o meu progresso? *Merda*. Parecia um rapazinho diante da diretora da escola.

Siobhan, por sorte, limitou-se a rir.

— Em primeiro lugar, vou interpretar o teu tom defensivo como uma resposta negativa. E em segundo, sou a diretora da tua exposição sobretudo por sermos amigos. Por isso, acredita que é por amizade que te pergunto: o que raio andas a fazer? Temos menos de um mês para organizar tudo isto. Então, se nenhuma daquelas miúdas era a que precisavas, diz-me o que posso fazer para ajudar. Porque eu também estou aqui em jogo, lembra-te? Se a exposição é um fiasco, perdemos os dois.

— Obrigado — replicou ele com secura. — Agradeço muito o discurso sentido e animador.

— Que se lixe o animador. Quero-te na capa de todas as revistas de arte e fotografia deste país, com a tua exposição reservada para ser emprestada pelo menos a uma dúzia de museus e galerias nos próximos cinco anos. Quero lá saber se estás animado. Só quero que faças isto.

— Isso é tudo? — perguntou ele, a conter um sorriso.

— Raios, não. Também quero uma promoção. A minha chefe está a ponderar mudar-se para Manhattan. Tenho o gabinete dela na mira.

— É bom ter um objetivo — comentou JP, inclinando a cabeça na direção de Wyatt. — Eu quero o dele.

— Vai — disse-lhe Wyatt, apontando o polegar na direção do quarto de vestir. — Acompanha as miúdas à saída pela galeria.

O espaço estava dividido entre o seu estúdio de dois andares, com uma entrada discreta na ruela lateral, e uma galeria recentemente remodelada, com uma montra que dava para uma das zonas comerciais mais concorridas de Santa Monica.

— Então já estás mesmo despachado? — insistiu JP. — Só isso? Nem sequer tiras uma foto?

— Não preciso de ver mais nada — disse Wyatt. — Vai. Conversa com elas para que não achem que foi um desperdício de tempo. E vemo-nos amanhã.

— Essa é a tua forma subtil de te livrares de mim, não é?

— Não sejas ridículo — replicou Wyatt. — Não estava de todo a ser subtil.

JP esboçou um sorriso trocista, mas não argumentou. E, despedindo-se de Siobhan com um aceno, desapareceu pelo corredor das traseiras.

— Então, Wyatt, como posso ajudar? — perguntou esta depois de ele se ter ido embora. — Queres que organize mais uma ronda de audições? Afinal, conheço uma data de mulheres sensuais.

Isso era bem verdade. De facto, a namorada dela, Cassidy, seria uma figura proeminente na exposição. E tinha sido através de Cass que Wyatt originalmente conhecera Siobhan, que não só tinha experiência no mundo artístico como um novo emprego de diretora-adjunta do Centro Stark de Artes Visuais, no centro de Los Angeles.

Ao início, Wyatt tinha imaginado uma exposição significativamente mais pequena, confinada ao seu estúdio. A localização era boa, afinal, e ele esperava muitas visitas, já que as pessoas podiam até ir a pé, vindas da Third Street Promenade. Cerca de oito meses antes tinha pedido a Cass que posasse para si não só por ela ser lindíssima, mas também porque conhecia suficientemente bem a tatuadora exuberante para saber que não se intimidaria com qualquer pose que ele lhe sugerisse, por mais provocadora que fosse. Cass não tinha um pingão de timidez e estava mais do que disposta a escandalizar — desde que o escândalo fosse de acordo com os seus próprios termos.

Siobhan acompanhara-a e, antes da sessão, Wyatt mostrara-lhes as três obras que já tinha terminado, para que Cass tivesse uma noção da sua visão. Era a primeira vez que a apresentava detalhadamente, e fora catártico conversar com Siobhan, que entendia a sua linguagem, e com Cass, que também era artista, embora a tela desta fosse a pele e usasse como instrumentos tinta e agulhas.

Explicara-lhes que, inicialmente, apenas quisera fazer uma pausa dos retratos e outros trabalhos comerciais de fotografia que lhe pagavam as contas. E sim, começava a estabelecer o seu nome no circuito artístico, com as paisagens e cenas urbanas que capturava. Esse sucesso era gratificante, mas acabava por não o satisfazer, pois não eram essas as suas paixões. Sem dúvida que existia beleza na natureza, mas Wyatt queria capturar com a câmara o erotismo físico e feminino.

Mais ainda, queria fazer uma declaração, contar uma história. Beleza. Inocência. Desejo. Êxtase. Queria ver o mundo através dos olhos daquelas mulheres e as mulheres através dos olhos do mundo.

Em última análise, queria elevar a arte erótica. Usá-la para revelar mais acerca dos modelos, muito além do que elas próprias conheciam de si. Força e sensualidade. Inocência e poder.

Paixão e delicadeza. Imaginava usar uma série de imagens provocadoras e impressionantes para manipular o público ao longo da história da exposição, enviando os visitantes numa viagem circular da inocência ao deboche, para que ficassem ofegantes de desejo e admiração.

Nessa tarde, Wyatt passara mais de uma hora a falar com Cass e Siobhan. Mostrara-lhes exemplos. Descrevera-lhes as emoções que queria evocar. Escutara as sugestões delas e ficara satisfeito por obviamente adorarem o conceito. Tinham acabado a conversa com mais uma hora de sessão fotográfica, durante a qual Cass posara e ele queimara três rolos fotográficos, tendo a certeza de que estava a capturar algum do melhor trabalho que havia feito até à data.

Depois tinham ido até ao Q, um restaurante e bar de Santa Monica conhecido pelo seu menu de degustação de *martinis*. Brindaram ao projeto, às fotos de Cass e à carreira de Siobhan, e, quando deram a noite por terminada, ele estava a sentir-se bastante bem em relação àquele seu projeto de estimação.

Na manhã seguinte, ficara a sentir-se ainda melhor. Fora então que Siobhan lhe fizera uma proposta formal do Centro Stark. Ele aceitara de imediato, sem lhe passar pela cabeça que, com isso, ligava outra pessoa ao seu sucesso — ou, o que seria mais grave, ao seu potencial fracasso.

— Estou a falar a sério — insistia ela agora, enquanto o silêncio dele perdurava. — Tudo o que precisas.

— Hei de encontrá-la — disse Wyatt. — Tenho tempo.

— Não muito — contrapôs Siobhan. — Preciso das impressões a tempo para o catálogo, já para não falar da instalação. A Keisha já anda nervosa — acrescentou, referindo-se à chefe. — Não costumamos fazer as coisas tão em cima da hora.

— Eu sei. Vai correr tudo...

— Vinte e sete dias para a inauguração, Wyatt. — Ele conseguia detetar a tensão na voz dela e detestava-se por ser ele

a provocá-la. — Mas tens metade desses dias para nos entregares as impressões. Estamos a ficar sem tempo. Se não encontrares a rapariga certa, vais ter de arranjar uma rapariga qualquer. Lamento, mas...

— Eu disse que ia encontrá-la. Tens de confiar em mim.

Nesse momento, ela não parecia capaz de confiar nele nem para tomar conta do seu peixinho dourado, mas, felizmente, assentiu com a cabeça.

— Está bem. Nesse caso, tudo o que preciso hoje é de ver a última impressão para poder pensar na imagem promocional. E podes enviar-me um ficheiro para o catálogo?

— Claro. É esta — acrescentou ele, avançando até uma tela coberta, centrada na parede mais próxima.

Afastou o pano branco, revelando uma fotografia em tamanho real, a preto e branco, de uma mulher a vestir-se. À primeira vista, não era a imagem mais estimulante, mas isso era por se tratar de uma provocação. A mulher estava num camarim e, escondidos entre os vestidos e os casacos, encontravam-se pelo menos uns 12 homens a espreitá-la.

A mulher, contudo, não tinha consciência disso. Debruçada, com um pé em cima de um banco, apertava uma liga. O ângulo da imagem era enviesado, pelo que, à primeira vista, o público só via a saia dela, o indício de um cinto de ligas e a perna da mulher numa meia de seda.

Depois reparavam no espelho atrás dela. Um espelho que revelava que não estava a usar cuecas por baixo do cinto de ligas. E, apesar de absolutamente nada ser deixado à imaginação, continuava a não ser uma fotografia particularmente atrevida ou erótica. Depois, porém, dava-se pelo reflexo de outro espelho no espelho. E de outro. E de outro. Em cada um, uma imagem da mesma mulher, e cada uma ligeiramente mais ousada, até que, por fim, com o espelho a aproximar-se do infinito, a mulher estava nua, de cabeça atirada para trás, uma mão no meio das pernas,

a outra na garganta. E todos aqueles homens do armário já estavam à vista desarmada, com as mãos a afagá-la e a estimulá-la.

O mais importante era que esse espelho estava tão ao fundo na imagem que era praticamente preciso encostar o nariz à tela para o ver.

Wyatt mal podia esperar por ver quantas pessoas fariam isso mesmo na exposição.

— Isto está fabuloso — disse Siobhan com admiração genuína na voz.

— Montar e depois revelar esta fotografia foi diabólico. Montes de trabalho no estúdio e na câmara escura.

— Podias ter criado isto digitalmente.

Ele soltou uma risada escarninha.

— Não. Algumas das imagens, claro. Mas esta não. — Virou a cabeça, observando-a com um ar crítico. — Esta tinha de ser à mão. O que está aqui em causa é tanto o processo como o produto final.

— Pois. Eu percebo. — Ela fitou-lhe os olhos e o respeito que demonstrava recordou-lhe por que razão não se limitava a tirar fotos só para si. — Por minha vontade, levava-a já para a mostrar à Keisha — acrescentou.

— Em breve.

Embora Siobhan e Keisha quisessem que Wyatt entregasse cada impressão à medida que a completasse, ele recusara, dizendo que precisava de estar rodeado pela arte para assegurar a continuidade da história na exposição como um todo. Para além disso, o tamanho da tela e a forma particular como tratara a imagem na câmara escura não se prestavam a que tivesse duplicados.

O que significava que, quando Siobhan precisava de ver uma obra, ia ter com ele. E, agora que estava não só a compor o catálogo oficial mas também a fazer material promocional com as imagens, isso era muito frequente.

Wyatt fora inflexível quanto às imagens não serem reveladas antes da inauguração, mas a equipa de Siobhan prometera-lhe que a maquete do catálogo, em rápida evolução, seria guardada a sete chaves. Mais importante ainda, a promoção feita antes da exposição não revelaria o seu trabalho artístico — mas, ao mesmo tempo, aludiria à natureza sensual e ousada das obras.

Até então, para além de terem feito isso, também tinham conseguido que a campanha fosse já um sucesso. A galeria estava a publicar uma imagem por mês — uma das suas fotografias, sim, mas apenas uma amostra sensual, revelada com uma barreira virtual sobre a imagem. Uma das vezes, fora uma fita amarela a dizer *cuidado*. Outra, a fechadura de uma porta de hotel. Era astucioso e também efetivo. Wyatt já fora entrevistado e a exposição fora promovida em nada menos do que cinco jornais e revistas locais. E ele tinha entrevistas marcadas para dois programas televisivos na manhã da inauguração.

Nada mau, pensando bem, coisa que disse a Siobhan.

— Se queres mesmo ver a publicidade a aumentar — respondeu ela —, devíamos ter a tua avó connosco.

— Não. — A palavra saiu-lhe rápida e firme.

— Wyatt...

— Já disse que não. A responsabilidade desta exposição é minha. Não posso esconder quem sou, mas também não tenho de o publicitar. Se vamos alardear a minha avó, marcar-lhe entrevistas televisivas, fazê-la tecer-me todos os elogios e mais alguns, toda a gente há de vir. Sabes isso.

— Hum, pois. É esse o objetivo. Trazer gente à tua exposição.

— Eu quero que venham por causa da exposição. Não porque querem um autógrafo da Anika Segel.

— Mas vão ver a tua arte e vão apaixonar-se. Quem se importa com o que os fez entrar?

— Eu — ripostou ele, aliviado ao ver que ela não parecia ter um argumento a apresentar.

Siobhan manteve-se imóvel por um segundo, talvez a tentar arranjar algum, mas depressa abanou a cabeça e suspirou.

— Tu é que és o artista. — Fez uma careta. — E tens o temperamento a condizer.

— Vês, foi assim que me convenceste a fazer isto contigo. Com essa lisonja vergonhosamente sentimental.

— Tens muita graça, Wyatt. — Ajeitou a alça da mala ao ombro e apontou-lhe um dedo. — Não dês cabo desta merda.

— Prometo que não.

— Muito bem. — Inclinou-se para lhe dar um beijo, mas acabou por abraçá-lo. — Vai ser fantástico — sussurrou-lhe, e ele ficou surpreendido por aquelas palavras simples lhe caírem tão bem.

— Pois vai — concordou. — Só tenho é de encontrar a rapariga. — Lançou um olhar de relance para o relógio. — Uma agência vai mandar alguém daqui a meia hora. Nia. Mia. Um nome desses. Quem sabe? Pode ser que seja a tal.

— Vou fazer figas. — O seu sorriso tornou-se malandro. — Mas se não for, basta dizeres, que eu e a Cass atiramo-nos à busca.

— Mais uns dias como hoje, e aceito a tua oferta.

— Mais uns dias é tudo o que tens — retorquiu ela, e depois lançou as mãos ao ar, como que em autodefesa. — Já sei, já sei. Vou andando.

Encaminhou-se para a porta e ele voltou-se de novo para a impressão, estudando-a criticamente. Um momento depois, levou a mão aos panos a cobrir as impressões que ladeavam a primeira imagem e retirou-os, revelando as fotos a cores por baixo.

Deu um passo atrás, continuando a sua inspeção, assegurando-se de que não havia mais refinamentos a fazer. Devagar, foi recuando, pois queria ter as três no seu campo de visão, tal como um visitante da exposição. Um passo, outro e ainda mais um.

Deteve-se ao ouvir a porta abrir atrás de si e amaldiçoou-se por não a ter trancado depois de Siobhan se ir embora.

— Esqueceste-te de alguma coisa... — perguntou, já a virar-se.

Mas não era Siobhan.

Era *ela*.

A rapariga que lhe ocupava a mente. A rapariga que lhe atormentava as noites.

A mulher de quem ele precisava para conseguir a exposição que queria.

Uma mulher com uma boca larga e sensual, capaz de enlouquecer um homem, e um corpo forte e ágil, com as curvas todas nos sítios certos. Olhos que viam até à alma de um homem — e um ar inocente que sugeria que não ia aprovar o que via ali.

A tudo isso somava-se o laivo atrevido e provocante de um sorriso e um menear sensual das ancas.

Ela era uma contradição andante. Sensual, mas modesta. *Sexy*, mas doce.

Uma mulher que, num instante, podia parecer uma modelo de capas de revistas, e, no seguinte, que nunca fizera algo mais glamoroso do que passear o cão.

Era uma brasa e, ao mesmo tempo, fria como gelo.

Era Kelsey Draper, e ele não falava com ela desde as férias de verão antes do 12.º ano, o que, na sua opinião, era algo realmente positivo.

Os olhos dela arregalaram-se enquanto o mirava, e os lábios agitaram-se num sorriso trémulo.

— Oh. — Foi tudo o que ela disse.

E, nesse momento, Wyatt percebeu que estava bem tramado.

## Capítulo 2

O<sup>h</sup>. A palavra parece pairar sobre nós dentro de um balão de banda desenhada, fazendo-me encolher mentalmente. Dez anos num colégio exclusivo só para raparigas, um curso de educadora de infância, uma licenciatura dupla em Dança e Língua Inglesa, e o melhor que me ocorre é «oh»?

E sim, bem sei que devia dar-me algum desconto. Afinal, fui apanhada desprevenida. Não pela arte impressionante e sensual exposta diante de mim, mas pelo homem que a criou. Um homem que é o motivo para que eu tenha as palmas das mãos suadas, os mamilos tensos e a pulsação bem marcada no pescoço.

Um homem que em tempos conheci como Wyatt Segel.

Um homem que eu não estava de todo preparada para ver.

O que quer dizer que a Nia vai ter de se explicar muito bem.

*«É só um fotógrafo qualquer que anda à procura de modelos. O meu agente diz que paga muito bem e, tendo em conta o dinheiro de que precisas no final do mês, vale a pena tentares. Assina como W. Royce, mas nunca ouvi falar dele. Seja como for, o que é que isso importa, desde que pague?»*

Nunca ouviu falar dele? Oh, poupem-me. A Nia é modelo; o Wyatt é fotógrafo. Ela tinha de saber que era um nome artístico. E armou-me esta cilada.

Sinceramente, estou capaz de a matar.

Primeiro, contudo, tenho de ficar com o trabalho. O meu irmão Griffin é um sobrevivente de queimaduras de quarto grau, e eu tenho menos de um mês para reunir 15 mil dólares para o inscrever nos ensaios clínicos para um novo e inovador protocolo médico. O que não é fácil com o meu salário de educadora de infância, e nem as aulas de dança que acrescentei ao meu horário de verão me aproximam dessa maquia.

E foi por isso que, quando a minha melhor amiga, a Nia, me falou desta audição, me pareceu valer a pena experimentar. Admito, foi preciso convencer-me. E não me sentia completamente à vontade com a ideia de me exhibir. Mas preparei-me mentalmente. Tempos difíceis e tudo isso.

— O meu agente marcou-me uma sessão fotográfica de *lingerie* — disse-me ela, enquanto tomávamos um copo na varanda do seu apartamento com vista para a praia. — Foi uma coisa de última hora. Suponho que o fotógrafo esteja a aproximar-se do prazo limite. Seja como for, acho que devias ir no meu lugar. Ele chama-se W. Royce e eu posso mandar-te a morada e a hora.

O meu estômago revolveu-se perante tal ideia.

— Estás louca? Não posso fazer isso!

A Nia suspirou dramaticamente.

— Porquê? Porque seria *errado*? — perguntou, fazendo sinal de aspas na última palavra.

— Por acaso, sim — respondi, determinada.

A Nia passa a vida a atanzar-me acerca do que considera serem os meus escrúpulos demasiado elevados. Está convencida de que sou demasiado séria e regrada. Que, de vez em quando, preciso de me desviar da minha pequena rotina segura e soltar as rédeas. Mas ela não podia estar mais enganada.

Melhor do que qualquer outra pessoa, sei o preço que se paga quando se infringem as regras.

— Ele há de estar à espera de uma mulher linda de morrer, a transbordar sensualidade — protestei com pragmatismo. — E essa realmente não sou eu.

— Oh, querida, por favor. Ambas sabemos que és linda. E de que outra forma vais arranjar tanto dinheiro tão depressa? Sobre-tudo sendo demasiado casmurra para aceites que eu to empreste...

— Estás a partir do princípio de que consigo o lugar.

Ao contrário da Nia, que é modelo desde os 7 anos, eu não tenho a menor experiência.

— Já mencionei que és linda? Lá porque nunca o ostentas, não quer dizer que não seja verdade.

Cruzei os braços para disfarçar um calafrio involuntário. Ela está enganada, claro. Não acerca de eu ser bonita — sei que sou. E essa é uma cruz que tenho tido de carregar ao longo de toda a vida.

Não, ela engana-se é em relação ao resto. Porque já o ostentei. Talvez não muito — e apenas uma vez —, mas bastou, e abriu uma caixa de Pandora que ainda estou a tentar fechar.

Humedeci os lábios, com os pensamentos a regressarem ao meu irmão. Aquele fotógrafo era capaz de estar a aproximar-se do seu prazo limite, mas eu também. E se houvesse nem que fosse uma hipótese mínima de obter o dinheiro de que precisava, não devia ao Griffin tentar, pelo menos? Em circunstâncias normais, talvez ser modelo de *lingerie* fosse demasiado arrojado para a minha sensibilidade. Mas aquelas não eram circunstâncias normais.

— Eu sei lá fazer poses sensuais... não teria a mínima noção de como posar — disse eu, mas já faltava garra ao meu protesto, e vi, pela forma como os olhos da Nia se iluminaram, que sabia que eu tinha mordido o isco, pelo que tudo o que ela tinha de fazer era puxar a linha.

— São só umas fotos em roupa interior. — Encolheu os ombros, como que para demonstrar que não era nada de mais. — Basta que finjas que estás de biquíni numa praia.

Considerarei o seu argumento e depois assenti com a cabeça. Não é como se eu nunca tivesse mostrado um bocadinho de pele. E tenho biquíni. Até o uso na praia. Em público. Às vezes.

E, depois de tudo o que aconteceu daquela vez, não haveria uma espécie de justiça cármica em expor-me em roupa interior por uma boa causa? Não sabia, mas parecia-me uma justificação de peso.

— Para além disso — continuou a Nia —, um fotógrafo profissional há de saber comportar-se muito bem na cama.

— Nia!

— Oh, não me fodas, Kels. É uma maneira de falar.

— Cuidado com a língua.

— Foda-se, foda, foder — replicou ela. E não consegui conter-me... desatei a rir. — Se me adoras, adoras a minha boca suja.

— Eu adoro-te — reconheci. — *Apesar* da tua boca suja.

— Isso é porque eu sou adorável, foda-se. — Esboçou um sorriso malandro antes de tomar mais um golo de vinho, enquanto eu me esforçava por não voltar a rir. O melhor era não a incentivar. — A sério, Kels, vai ser fácil. É muito parecido com dançar. Forma, posição e movimento. Em muitos sentidos, posar é como uma coreografia. E eu já vi a roupa com que ensaias. Não deixa muito à imaginação, pois não?

— Isso é diferente.

Quando eu danço, visto-me para estar confortável e ter liberdade de movimentos. Mais importante ainda é que me permito tornar-me outra pessoa, alguém em sintonia com a euforia da música. Uma pessoa disposta a abrir mão do controlo, porque o fio da música está sempre presente para me puxar de volta e manter a salvo.

— Deixa de inventar desculpas, faz isto e pronto. Acredita em mim, este trabalho vai ser bom para ti. Dá para seres um bocadinho marota enquanto te convences de que só o fazes por causa do Griffin. É perfeito.

— Em primeiro lugar, só o faço pelo Griffin. Não ando à procura de desculpas para usar um biquíni minúsculo ou para mostrar o peito. Eu gosto de mim. Gosto da minha vida. Sou feliz. Vivo confortável com quem sou.

— A mim parecem-me muitos protestos...

— Oh, poupa-me — disparei, sentindo-me de forma pouco razoável na defensiva. — Não preciso de ir para a cama com um tipo num primeiro encontro, nem...

— Primeiro? Que tal no quinto? Ou nunca? E, já agora, quando foi a última vez que saíste com alguém?

— Isso não está em causa — disse eu, porque realmente não estava. — Não há assim tantos tipos que me interessem. E por que hei de ir jantar ou beber copos com um paspalho, quanto mais ir para a cama com ele? E estás a desviar-te do assunto.

Ela ergueu as mãos.

— Tu é que começaste a falar de encontros. O meu argumento era só que devias aceitar o trabalho porque precisas do dinheiro... mas que podes aproveitar e divertir-te, também.

Bebi um grande trago e acabei o vinho.

— A mim só me interessa ter o suficiente para inscrever o Griffin no protocolo.

— Claro. Certo. Justifica-o como quiseres. O que importa é que isto é uma cena mesmo sólida. No mínimo, deves a ti mesma e ao Griffin ir à audição.

Agora, no estúdio do Wyatt, diante destas fotos sensuais e chocantes, penso naquela conversa. As fotos aterrorizam-me e foram tiradas por um homem que me excita.

Penso nisso e só me apetece fugir.

Mas não posso. Porque a Nia tinha razão. Eu preciso de fazer isto. Preciso de conseguir este trabalho.

Tudo isso significa que tenho de dar o meu melhor nesta audição, com ou sem Wyatt. E isso pode correr bastante melhor se eu for capaz de conjurar palavras a sério. O que, tendo em conta

a quantidade de vezes que imaginei cruzar-me com ele, está a revelar-se surpreendentemente difícil.

Na minha cabeça, sou sempre astuta e divertida nos encontros imaginários que temos em livrarias e restaurantes. E, quando nos atribuem lugares contíguos no longo trajeto aéreo de Los Angeles à Austrália, nunca fico muda.

Não que alguma vez tenha voado até à Austrália, mas passei grande parte da vida a ensaiar várias fantasias na minha cabeça. E de que serve a fantasia se não para corrigir erros passados? Se não para sermos uma pessoa um nadinha diferente de quem somos realmente? Sobretudo se, na vida real, nunca daríamos tal salto?

Ao longo dos últimos 12 anos, tenho criado variações infinitas da minha fantasia com o Wyatt. Às vezes, mal trocamos duas palavras. Noutras alturas, deixo que ele me pague uma bebida. Numa ou duas ocasiões, deixei a coisa ir mais além. Mas, mesmo nas minhas fantasias, não consigo imaginar-nos felizes para sempre.

Porque, entre mim e o Wyatt, a história é uma tragédia, não um romance. Tendo em conta tudo o que aconteceu, como poderia ser qualquer outra coisa?

Agora, o Wyatt não passa de um ponto no mapa da minha vida. Um lembrete de como as coisas podem tornar-se horríveis, e da razão pela qual as más escolhas são, conforme o nome indica, *más*.

Ele não é um homem, é um conceito. Um talismã. Fantasia mesclada com memória e adornada com uns pozinhos de perda.

Triste, talvez, mas ao menos com *esse* Wyatt eu consigo lidar.

Mas com este? O que se encontra à minha frente, de cabelo castanho alourado e olhos cor de uísque capazes de ver tudo até ao nosso passado. Aquele cujo corpo esguio ainda consigo imaginar encostado ao meu, e cujos braços fortes em tempos me fizeram sentir segura. O que tem um sorriso impudico que

costumava acelerar-me o coração, mas que agora não está a sorrir de todo.

O rapaz que antigamente me fazia ficar sem fôlego de cada vez que o via. Que agora é um homem que caminha com confiança e elegância, e que domina uma sala apenas por nela se encontrar.

O rapaz que me fez infringir todas as regras. Que me fez perder o controlo.

O homem que quase me destruiu.

Com *esse* homem não sei lidar de todo. Pelo contrário, ele aterroriza-me. E, neste momento, não consigo deixar de pensar que vir a esta audição foi um erro de proporções monumentais.

*Pois. Vou mesmo ter de matar a Nia.* Uma pena, realmente. Porque quando é que vou ter tempo de ir à procura de outra melhor amiga?

E mais importante do que isso, de que outra forma vou conseguir ganhar 15 mil dólares até ao final do mês?

Comigo ali especada, ele cruza os braços e inclina ligeiramente a cabeça. É então que me apercebo de que tem estado a observar-me este tempo todo. Sem dizer uma palavra que seja. Como se tudo isto fosse minha culpa.

Talvez seja, afinal.

Engulo em seco, controlando-me para não secar as mãos suadas na saia-lápis cinzenta enquanto esboço um sorriso hesitante. Observo-lhe o rosto, esperando que me corresponda. Que me dê a mínima indicação de que pensou em mim ao longo dos últimos 12 anos. Um sinal de que se lembra das coisas que dissemos, da forma como rimos. Como nos tocámos.

Espero pelo mais ínfimo indício de poder ter perdurado na sua mente como ele perdurou na minha. Porque perdurou. Mesmo quando tudo ficou arruinado e horrível. Mesmo depois de eu ter dado cabo de tudo. Mesmo sabendo que não devia, continuei a pensar nele.

E agora, como uma maldita pedinte, perscruto-lhe o rosto em busca de algum sinal de que ele também tenha pensado em mim.

Mas não há ali nada para ver.

Certo. Está bem. OK.

Deixo o olhar divagar para as paredes, mas isso é um erro, pois a minha atenção é imediatamente levada para as três fotografias destapadas atrás dele. São fortes e provocantes, perturbadoras e honestas. Sinto o eco que encontram dentro de mim, atiçando-me o sangue e causando-me um turbilhão de centelhas agradáveis, mas aterradoras, que disparam em todas as direções.

Concentro-me de novo nele e aclaro a garganta.

— Bem — digo, tentando falar normalmente. — Eu costumo fazer audições para dançar, não como modelo. O que queres que eu faça?

Uma chama tão passageira que é capaz de ter sido imaginação minha cintila-lhe nos olhos, que se estreitam mais, e vejo-lhe uma contração subtil do maxilar.

— Kelsey — acaba por dizer, e o som do meu nome nos seus lábios faz com que uma vaga de alívio se abata sobre mim. No mínimo, sei que se lembra de mim.

— Sim. — Sorrio animadamente e depois lembro-me de que isto devia ser uma audição. Tenho na mão um retrato com o meu número de telemóvel e endereço eletrónico, pelo que avanço depressa para lho entregar. — Sou eu.

Ele nem olha para aquilo.

— Já se passou muito tempo. — A sua voz é inexpressiva. Monocórdica.

— Sim — concordo, num tom tão cantarolado que me sinto uma idiota.

Mas ele não parece dar por isso. Pelo contrário, está a observar-me de cima a baixo, numa inspeção tão sensual como uma mão a passar ociosamente pelo meu corpo. Inspiro e sinto o ar agitado na minha garganta. A pele arrepiase-me e sinto pequenas

gotas de suor a formarem-se-me na nuca, felizmente ocultadas pelos meus cabelos ondulados e castanhos, que me chegam aos ombros.

Contenho-me e não balanço o peso de um pé para o outro. É difícil, pois já me sinto tão exposta como as modelos das fotografias nas paredes atrás dele. E, quando os olhos do Wyatt finalmente fitam os meus e a sua inspeção cessa, tenho a certeza de que as minhas faces estão de um vermelho vivo e revelador.

Inspiro de novo, expectante das suas palavras. Espero que diga alguma coisa acerca do nosso passado. No mínimo, que diga que é bom ver-me, ao fim de tanto tempo.

Não podia estar mais enganada.

— O que raio estás aqui a fazer? — exige saber, e é como se me atirasse um balde de água fria.

Gaguejo. Gaguejo mesmo, com um calafrio a percorrer-me, e debato-me por recuperar os pensamentos, o discurso, o orgulho.

— Eu... eu só... bem, o trabalho. — Endireito-me mais, combatendo uma nova vaga de vulnerabilidade. Porque o Wyatt é perigoso para mim e eu preciso de manter esse pequeno facto bem presente na minha mente. — Vim por causa do trabalho — repito, e desta vez a minha voz soa clara e forte.

Ele saca do telemóvel, toca no ecrã e depois volta a olhar para mim de sobrolho franzido.

— Nia Hancock. Vinte e sete anos. Mestiça. O agente ligou-me ontem e disse-me que ia mandá-la.

Humedeço os lábios.

— Ela, hum, não pôde vir. E, como me dava jeito ficar com o trabalho, vim eu no lugar dela.

— Vieste tu? — repete, e eu observo a série de expressões que lhe perpassa o rosto, começando por surpresa, passando para confusão e culminando em algo que se parece demasiado com ira. — Tu? — A sua voz assume um tom insípido que é mais do que desconcertante.

Abro a boca para responder, mas ele continua antes que eu tenha oportunidade de dizer o que quer que seja.

— Esperas que eu acredite que a Kelsey Draper quer ser modelo? Como estas? — acrescenta, acenando com uma mão para indicar os três quadros atrás de si, imponentes em tantos sentidos.

Lambo os lábios e depois arrependo-me logo da ação inconsciente. Porque não tenho a certeza. Não tenho mesmo a certeza.

Depois lembro-me do Griffin. E do dinheiro. E do facto de estar desesperada.

E sim, penso naquelas centelhas assustadoras mas tentadoras, que continuam a disparar-me pela corrente sanguínea. Eu não devia querer fazer parte disto. Na verdade, devia era desatar a fugir por aquela porta antes que tudo torne a abater-se sobre mim.

Mas não. Em vez disso, olho para baixo, para o chão, e murmuro:

— Sim. É exatamente isso que quero.

Ele fica calado, pelo que ergo o queixo, esperando que ele veja a minha determinação, mas nada há de caloroso ou acolhedor na sua expressão. Pelo contrário, o que lhe vejo no rosto é irritação. Ele solta uma risada amarga e pergunta:

— Mas que raio de jogo doentio é o teu desta vez?

E eu percebo que cometi um erro terrível, horrível, pavoroso.

— Não é jogo nenhum — protesto, mas a voz sai-me trémula em vez de forte. — É só que preciso...

— Do quê? — atalha ele. — O que podes precisar de mim?

A aspereza da sua voz atinge-me e eu retraio-me. Quero explicar-me, mas, quando sinto as lágrimas a acumular-se nos olhos, entendo que não serei capaz de me aguentar.

— Desculpa — sussurro, virando-me para fugir. — Nunca devia ter vindo até aqui.

A RAPARIGA QUE ELE PROCURAVA TERIA DE SER  
UMA VIRGEM EM FRENTE À SUALENTE. E ELE  
SERIA O PRIMEIRO A CAPTURAR ESSA INOCÊNCIA.

A carreira do fotógrafo Wyatt Royce está prestes a descolar. No entanto, falta-lhe a musa, a modelo que se tornará a joia principal da sua controversa exposição de fotografias eróticas. Até que Kelsey Draper aparece — a combinação perfeita entre pureza e voluptuosidade.

Wyatt acha-a demasiado frágil — ela provou-lho quando a relação entre eles acabou, doze anos antes — e tem consciência de que ela nunca se atreveria a expor-se, embora ambos saibam que Kelsey é perfeita para o projeto.

Mas Kelsey precisa desesperadamente de dinheiro e está determinada a libertar-se da imagem de menina boazinha para o conseguir. E reencontrar Wyatt pode bem ter sido a sua sorte... ou perdição.

Ainda magoado pela história atribulada entre eles, Wyatt aceita dar-lhe o trabalho, mas apenas se ela lhe der todo o controlo, tanto por detrás da lente como na cama.

Será que uma rapariga inocente  
como Kelsey resistirá aos desejos  
obscuros de um homem como Wyatt?

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-95-1



9 789898 869951

Romance Erótico